

# A sacralidade do texto

Marcos Ferreira Santos \*

**R**égis Debray, em seu Tratado de Midiologia, estudando os suportes da informação, diz que a primeira forma de transmissão do conhecimento era dada pela tradição oral em que o valor da palavra era fundamental. Neste período, que atravessa a pré-história humana até a invenção da imprensa por Gutenberg, a forma de transmissão oralizada também valorizava elementos que acompanhavam a palavra proferida: a retórica, a declamação, a narração dramática, o vigor ou o carinho das entonações.

A seguir temos a palavra impressa e o surgimento do livro e das grandes bibliotecas de papel impresso que, ao contrário das ancestrais bibliotecas de papiros e tábuas de argila ou pedra, como a de Alexandria (Egito), possibilitavam armazenar um número jamais imaginado de informação e saber. Seus valores são a erudição, o estudo, o domínio das línguas e o exercício exegético.

Ainda na perspectiva de Debray, a revolução dos estudantes em maio de 1968, na França, sinaliza o início de uma época de rápida transmissão de informações por suportes virtuais de alta tecnologia: rádio, televisão, cinema, vídeo, transmissões via satélite, internet e superífovias. O acúmulo de informação e sua disponibilização modificam,



drasticamente, a relação do homem contemporâneo com a palavra e com a imagem que, segundo alguns especialistas, se banalizaram pela abundância e perderam seu poder mobilizador.

No entanto, mesmo neste quadro de avanços tecnológicos, percebemos, contraditoriamente, o avanço das religiões das comunidades do Livro. Tanto o cristianismo, como o judaísmo, o islamismo e o hinduísmo têm se propagado como nunca antes na história da humanida-

# em culturas orais

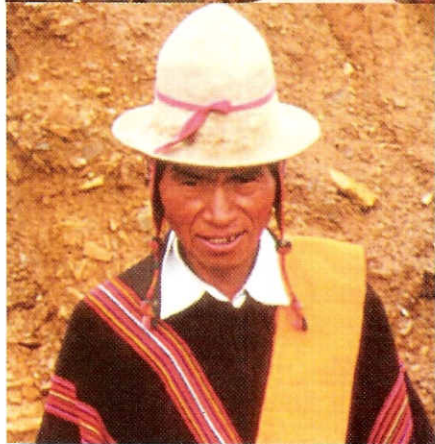


de. Além disso, há notícias de culturas tradicionais que permanecem vivas no Oriente, na Polinésia, na Ameríndia e que também mostram sinais de recuperação ou de estagnação nas taxas de extermínios e extinção. Algumas, inclusive, ágrafas, ou seja, que não possuem escrita.

## A potência da palavra

Como o mitólogo e historiador de religiões romeno, Mircea Eliade, tentamos

ultrapassar a divisão imediata entre o sagrado e o profano e podemos ver que no mais profano e cotidiano pode emergir um fenômeno religioso, bem como no quadro das mais variadas religiões vemos, com freqüência, posturas profanas e burocráticas na repetição gestual e sem sentido dos mais variados rituais. Isto nos auxilia a compreender que é preciso tentar entender o fenômeno religioso de outras tradições no interior destas tradições e segundo os seus pró-



**Camponeses da Bolívia:**  
 “Nós somos os portadores da palavra e não seus produtores. É dádiva divina o poder de nomear as coisas.

oral e efêmero, ensinado de geração a geração através da narração de seus valores, feitos e entidades numinosas. Ao contrário do que poderíamos pensar: se não há registro escrito da tradição e do texto, ele se perderia no esquecimento dos séculos. Esta é uma conclusão permeada de valores de erudição centrada em nossos etnocentrismos.

prios procedimentos religiosos e não sob o prisma dos nossos. Dessa forma, podemos assinalar algumas características do texto sagrado na tradição oral, entre elas, a potência da palavra, a destinação dos nomes, o poder constituinte do verbo e a estruturação musical da transmissão.

A tradição oral se perpetua até os nossos dias, exatamente pelo seu caráter

Tomemos como exemplo a experiência religiosa guarani (na Região Sul do continente) ou quéchua (ao longo da cordilheira dos Andes) e mesmo algumas tradições afro-descendentes. Entre essas três tradições é comum o reconhecimento da potência da palavra. Isto quer dizer: a palavra é a energia que constitui todas as coisas. Correlato da máxima

genético-cristã: “No princípio era o Verbo”, o verbo se faz carne e materializa as coisas. No entanto, nestas tradições, de modo geral, o verbo é autônomo em relação a seu proferidor. Nós somos os portadores da palavra e não seus produtores. É dádiva divina o poder de nomear as coisas. Maldizer alguma coisa ou alguém é uma violação das leis divinas e passível de castigo. Na nação guarani, é o poder da palavra, *ayvu rupyta*, energia que acompanha a palavra e que é responsável pela constituição de tudo no mundo.

Entre os quéchuas andinos este poder da palavra é conhecido como *Con*, também parcela do nome do criador: *Con Tijsi Illa Wuiracocha*. *Con* é o nome onomatopéico, como a própria estrutura da língua quéchua, que faz referência ao poder do raio e, curiosamente, também à raiz. Os portadores do espírito da palavra se chamam de *apu* e convivem com as pessoas ensinando-lhes e protegendo-as. Uma característica da experiência religiosa quéchua, além do poder da palavra, é a estrutura aprendente da própria pessoa. O ser é um ser-aprendente, aprendiz. Está, continuamente, aprendendo. E, na medida em que aprende, se constitui como mestre. Mestre-aprendiz.

Já na tradição afro-descendente, de matriz yorubá, esta energia da palavra é o axé. Energia, a ser reverenciada, que impregna todas as coisas, palavras e objetos, pessoas e lugares. Por isso, sua fruição é importante para evitar as desordens no mundo material causadas pela falta de energia. Cada saudação tem o seu poder especial e é orientada por

uma entidade numinosa, um orixá específico. Como eles se fazem representar nos elementos naturais e deles são constituídos, há uma intrínseca ligação entre a palavra e a natureza, harmonizando a pessoa no fenômeno religioso e em suas expressões.

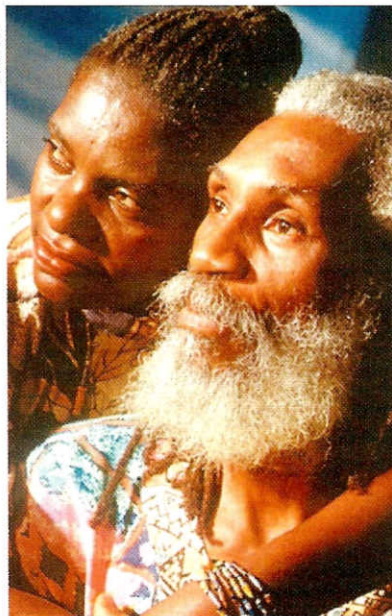
### O canto

Esta potência da palavra se desdobra na nomeação das pessoas. Seu nome de batismo é a palavra-destino, que sintetiza sua sina no mundo. Vivemos, segundo os guarani, para cumprir o destino de nossos nomes. Portanto, os rituais de batismo são muito importantes. Não se dão num contexto de conversão (*metanóia*), mas de revelação. Em especial, entre os guarani, o nome é revelado antes em sonho. No ritual batismal, o nome guarda o destino da pessoa que viverá para tal mister.

Entre as heranças afro-descendentes, na tradição zulu, também a indicação do xamã se faz através do sonho. O *sangoma* (geralmente, feminino), é avisado pelos ancestrais, por meio do sonho, que passará a curar a aldeia e cuidar dela. Os *sangoma* são pessoas “escolhidas” pelos espíritos ancestrais para a tarefa de conduzir a saúde espiritual da comunidade. Não se é *sangoma* porque se quer. Os futuros *sangoma* são visitados no meio da noite pelos espíritos ancestrais e, dessa forma, não conseguem dormir pelas transformações internas e pela responsabilidade perante a comunidade. Um canto característico desta fase da escolha do *sangoma* é o *Angilalanga* (*Eu Não Durmo*). ⇨

Seu caráter solidário e fraternal, além do aspecto medicinal, baseia-se sobretudo no respeito à ancestralidade. Uma das canções para a invocação dos espíritos ancestrais chama-se *Ihoyiya* (invocação), utilizada quando alguém está sob possessão ou se invoca a cura de algum doente. Em outra canção, o doente solicita ao *sangoma* que, pela intervenção dos ancestrais, diga o que ele tem, qual a origem de suas dores. Toda a comunidade invoca aos ancestrais que iluminem o *sangoma* para a cura.

É, prioritariamente, através do canto que os mitos de origem, os feitos dos deuses, a significação profunda dos nomes, a revelação do devir, a memória do passado primordial são ensinados. É através do canto que as ladainhas d'alma (expressão do filósofo Gaston Bachelard) se perpetuam na sensibilidade das pessoas e as coloca em contato com a dimensão numinosa da existência, dando-lhe sentido e significado. O escritor Rubem Alves diz que não é a dor que desestrutura a personalidade humana, mas a falta de sentido de sua existência. Nestes termos, o canto é a forma como este sentido invade a existência e a coloca em diálogo com as forças da natureza, do entorno da comunidade e com a própria comunidade. O canto é a es-



Casal africano: a energia da palavra é o axé.

truturação musical da palavra, portanto, organização temporal de ritmos, frequências e timbres que demonstram a profunda tessitura da palavra.

A despeito de nossa história ocidental escrita e impressa em livros deste 1450 nos tipos revolucionários de Gutenberg, portanto, há cerca de 550 anos; outros 5 mil anos de cantos são entoados e garantem a permanência da tradição religiosa e

seu ensinamento, seja do *muezim* do alto de seu minarete islâmico, seja do xamá quéchua no vento forte dos Andes, seja do pajé guarani no pampa, na serra ou no litoral, ou da *iyalorixá*.

O que se sucede ao canto, através da potência da palavra, é o momento sublime de reencontro com o sagrado: o silêncio. Contemplação silenciosa do momento de diálogo profundo entre os mil mistérios da revelação e a presença numinosa em nossa alma, presente sagrado na consagração do canto.

Dedico este texto a Luiz Jean Lauand, arabista e medievalista, na busca comum das sendas e do canto da memória a este grande esquecedor que é o humano.

\* Marcos Ferreira Santos

Livre-docente em Cultura e Educação da Faculdade de Educação – USP (Universidade de São Paulo). Pós-Doutoramento em Hermenêutica Simbólica pela Universidad de Deusto (Bilbao, Espanha). Doutor em Filosofia da Educação.

# Diálogo

RÉVISTA DE ENSINO RELIGIOSO

Atividades pedagógicas para trabalhar os textos sagrados

## TEXTOS SAGRADOS

Vedas, Torá, Bíblia, Alcorão

Os resultados de uma aula sobre os livros sagrados

As migrações internacionais e seus desafios

REZO COM

守護

Богословие



ज्ञानविद्या

